

PARK, Robert E. e BURGESS, Ernest W. “Competição, conflito, acomodação e assimilação”. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 13, n. 38, pp. 129-138, Agosto de 2014. ISSN 1676-8965

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

Competição, Conflito, Acomodação e Assimilação*

Robert E. Park

Ernest W. Burgess

[Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury]

Recebido: 20.06.2014

Aprovado: 20.07.2014

129

Resumo: Este artigo discute o conceito de interação a partir das quatro grandes formas puras em que este processo se manifesta nas relações sociais humanas: competição, conflito, acomodação e assimilação. Park e Burgess, neste sentido, se preocuparam em diferenciar conceitualmente a noção de interação da ideia de contato social, definindo categoricamente que pode haver interação sem contato social. Importante ainda, para os autores, foi relacionar cada uma dessas formas de processo social a um princípio ideal de ordem social, de modo a relacionar as formas de ação com seus respectivos espaços e tempos sociais sistêmica e funcionalmente estabelecidos. **Palavras-Chave:** competição, conflito, acomodação, assimilação

*Extraído do livro de Robert E. Park e Ernest W. Burgess *Introduction to the Science of Sociology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1921.

Competição como um processo de interação

Dos quatro grandes tipos de interação, - competição, conflito, acomodação e assimilação, - a competição é a sua forma fundamental e universal. O contato social dá início a interação, mas, a competição, estritamente falando, é a *interação sem contato social*. Se isso parece uma espécie de paradoxo, é porque na competição a sociedade humana se encontra sempre entrelaçada com outros processos, isto é, com o conflito, a acomodação e a assimilação.

É só na comunidade de plantas que podemos observar o processo de competição de forma isolada, sem complicações com outros processos sociais. Os membros de uma comunidade vegetal vivem juntos em uma relação de interdependência mútua que chamamos de social, provavelmente, porque enquanto estão próximos e são vitais uns aos outros, esta relação não é biológica. Não é biológica porque a relação entre eles é uma relação meramente externa e as plantas que o compõem podem não ser, inclusive, da mesma espécie. Eles não se associam.

Os membros de uma comunidade vegetal se adaptam uns aos outros como todos os seres vivos se adaptam ao seu ambiente, mas não há conflito entre eles, porque eles não são conscientes. A competição toma a forma de conflito ou rivalidade apenas quando se torna consciente, quando os concorrentes identificam uns aos outros como rivais ou como inimigos.

Este fato sugere o significado da afirmação de que a competição é a *interação sem contato social*. É somente quando as mentes se encontram, só quando o significado que está em uma mente é comunicado a uma outra mente, para que essas mentes se influenciem mutuamente, que se pode dizer que

existe, propriamente falando, o contato social.

As relações sociais, por outro lado, não se limitam aos contatos de toque, do sentido ou da fala, eles tendem a ser mais íntimos e mais penetrantes do que imaginamos. Alguns anos atrás, os japoneses, que são amarelos, derrotaram os russos, que são brancos. No decorrer dos meses, a notícia deste acontecimento notável penetrou, como se soube depois, os confins da terra. Ela transmitiu uma emoção através de toda a Ásia e era conhecida nos cantos mais profundos da África Central. Em todos os lugares a notícia despertou sonhos estranhos e fantásticos. Isso, aqui, é o que se entende por contato social.

Competição e cooperação competitiva

O contato social, que inevitavelmente inicia o conflito, a acomodação ou a assimilação, invariavelmente também cria simpatias, preconceitos, relações pessoais e morais que modificam, tornam difíceis e complicam o controle da competição. Por outro lado, dentro dos limites criado pelo processo cultural, e que a lei, o costume e a tradição impõem, a competição tende a criar uma ordem social impessoal em que cada indivíduo, sendo livre para perseguir seu próprio benefício, e, em certo sentido, é obrigado a fazê-lo, faz de todos os outros indivíduos um meio para esse fim. Ao fazê-lo, porém, ele inevitavelmente contribui para o bem-estar comum, através da troca de serviços estabelecidos.

É exatamente a natureza da transação comercial que isola o motivo do lucro e faz dela a base da organização empresarial. As relações comerciais, inevitavelmente, assumem o caráter impessoal, de modo geral a elas atribuído, na medida em que este motivo [o lucro] se torna dominante e exclusivo.

“A competição”, diz Walker (1888, p. 92), “se opõe ao sentimento. Sempre que qualquer agente econômico faz ou omite algo sob a influência de qualquer outro sentimento do que o desejo de dar o mínimo e ganhar o máximo que puder em uma troca, seja por sentimento de patriotismo, de gratidão, de caridade ou de vaidade, levando-o a fazer o contrário e não aquilo a que o interesse próprio o conduziria, nesse caso, também, a regra da competição se apartou. Outra regra, com o tempo, é substituída”.

Este é o significado dos ditos familiares, no sentido de que "*não se deve misturar negócios com o sentimento*", e de que "*negócios são negócios*", e que "*as corporações são sem coração*", etc. É justamente porque as empresas são "*sem coração*", isto é, são impessoais, que elas representam a forma mais avançada, eficiente e responsável da organização empresarial. Mas é por essa mesma razão que elas podem e devem ser reguladas em nome dos interesses da comunidade, que não podem ser traduzidos imediatamente em termos de ganhos e perdas para o indivíduo.

A comunidade vegetal é a melhor ilustração do tipo de organização social que é criada por cooperação competitiva, porque na comunidade vegetal a competição é irrestrita.

Competição e Liberdade

A organização econômica da sociedade, do mesmo modo que é um efeito da livre competição, é uma organização ecológica. Existe uma organização ecológica humana, assim como uma vegetal e uma ecologia animal. Ao se assumir que a ordem econômica é fundamentalmente ecológica, isto é, criada através da luta pela subsistência, uma organização como a da comunidade vegetal, em que as relações entre os indivíduos são, ao menos conceitualmente, inteiramente externas, uma questão a ser levantada é sobre o por que a competição e a

organização que a criou devem ser consideradas como social a todos.

É fato que muitos sociólogos têm geralmente identificado o social com a ordem moral. Dewey, em seu livro *Democracia e Educação*, faz declarações que sugerem que uma ordem puramente econômica, na qual o homem se torna um meio e não um fim para os outros homens, é associal, se não antissocial.

O caráter de *externalidade* nas relações humanas, deste modo, é um aspecto fundamental da sociedade e da vida social. É, apenas, uma outra manifestação do que tem sido referido como o aspecto distributivo da sociedade.

A sociedade é composta por indivíduos separados espacialmente, territorialmente distribuídos e capazes de locomoção independente. Esta capacidade de locomoção independente é a base e o símbolo de qualquer outra forma de independência. Liberdade, deste modo, é fundamentalmente liberdade de movimento, e a individualidade é inconcebível sem a capacidade e a oportunidade de ganhar uma experiência individual como resultado de uma ação independente.

É bem verdade, por outro lado, que a sociedade existe, apenas, quando a atividade independente dos indivíduos é controlada no interesse do grupo como um todo. Essa é a razão pela qual o problema do controle, usando esse termo em seu significado evidente, inevitavelmente torna-se o problema central da sociologia.

Competição e Controle

Conflito, assimilação e acomodação, que se distinguem da competição, estão intimamente relacionados ao controle. A competição é o processo através do qual a organização distributiva e ecológica da sociedade é criada. A competição determina a distribuição da população, territorial e

vocacionalmente. A divisão do trabalho e toda a interdependência econômica organizada entre os indivíduos e grupos, característica da vida moderna, são um produto da competição. De outra parte, a ordem moral e política, que se impõe sobre esta organização competitiva, é um produto da acomodação, do conflito e da assimilação.

A competição é universal no mundo das coisas vivas. Em circunstâncias normais ela passa despercebida até pelos indivíduos mais atentos. É apenas em períodos de crise, quando os homens estão gerando novos esforços e se encontram conscientes para buscar o controle das condições de sua vida em comum, que as forças que lhes são concorrentes se identificam com as pessoas, e a competição é convertida em conflito. Isto é o que tem sido descrito como o *processo político*, onde a sociedade conscientemente lida com suas crises. A guerra é um processo político por excelência. É na guerra que as grandes decisões são tomadas. As organizações políticas existem com a finalidade de lidar com as situações de conflito. Partidos, parlamentos e tribunais, a discussão pública e a votação devem ser considerados simplesmente como substitutos da guerra.

Acomodação, Assimilação e Competição

A acomodação, por outro lado, é o processo através do qual os indivíduos e grupos fazem os ajustes internos necessários para as situações sociais que foram criadas pela competição e conflito. A guerra e as eleições mudam as situações. Quando as alterações assim efetuadas se tornam decisivas e são aceitas, então o conflito desaparece, e as tensões por ele geradas são resolvidas no processo de acomodação em profundas modificações dos indivíduos e grupos.

Um homem, uma vez completamente derrotado, como tem sido frequentemente observado, "*nunca mais é o mesmo*". A conquista, a subjugação e a derrota são tanto psicológicos quanto processos sociais. Estabelecem uma nova ordem, mudando, assim, não apenas o estado, mas também as atitudes das partes envolvidas.

A nova ordem se estabelece e se fixa em hábitos e costumes. É, então, transmitida como parte da ordem social estabelecida para as gerações seguintes. Nem o mundo físico nem o mundo social são feitos para satisfazerem, ao mesmo tempo, todos os desejos do homem natural. Os direitos de propriedade, os interesses de toda espécie, a organização da família, a escravidão, a casta e as classes, toda a organização social, na verdade, representam acomodações, ou seja, as limitações dos desejos naturais do indivíduo.

131

Estas acomodações socialmente herdadas e presumivelmente crescidas nas dores e nas lutas das gerações anteriores, são transmitidas e aceitas por sucessivas gerações como parte da natural e inevitável ordem social. Todas estas acomodações são formas de controle em que a competição é limitada pelo status.

O conflito pode, em seguida, ser identificado com a ordem política e com o controle consciente. A acomodação, por outro lado, está associada com a ordem social, que é fixada e estabelecida em costumes e mores.

A assimilação, como distinta da acomodação, implica em uma transformação mais profunda da personalidade, - transformação que ocorre de forma gradual sob a influência de contatos sociais mais concretos e íntimos.

A acomodação pode ser considerada, - de forma semelhante, à conversão religiosa, - como uma espécie de mutação. Os desejos são os mesmos, mas a sua organização é diferente. A

assimilação tem lugar não apenas como um resultado de alterações na organização mas, também, no conteúdo, - como, por exemplo, a memória, - da personalidade. As unidades individuais, como resultado da associação íntima, por assim dizer, se interpenetram; e se dispõem, desta forma, na posse de uma experiência comum e de uma tradição comum.

A permanência e a solidariedade do grupo repousa, finalmente, sobre este corpo de experiência comum e de tradição. O papel da história é o de preservar este corpo de experiência comum e de tradição, de criticar e reinterpretá-los à luz da nova experiência e das condições de mudança e, deste modo, preservar a continuidade da vida social e política.

A relação das estruturas sociais para os processos de competição, conflito, acomodação e assimilação pode ser representada esquematicamente da seguinte forma:

Processo social	Ordem Social
Competição	O Equilíbrio Econômico
Conflito	A Ordem Política
Acomodação	Organização Social
Assimilação	A Personalidade e a Herança Cultural

O conceito de conflito

A distinção entre competição e conflito foi acima indicada. Ambos são formas de interação, mas a competição é uma luta entre os indivíduos, ou grupos de indivíduos, que não estão necessariamente em contato e comunicação; enquanto o conflito é um concurso onde o contato é uma condição indispensável. A competição, sem ressalvas e descontrolada, - como com as plantas, e na grande luta de vida impessoal do homem com a sua espécie e com toda a natureza animada, - é inconsciente.

O conflito é sempre consciente, e, de fato, evoca as emoções mais

profundas e as mais fortes paixões e alista a maior concentração de atenção e de esforço. Tanto a competição quanto o conflito são formas de luta. A competição, no entanto, é contínua e impessoal, e o conflito é intermitente e pessoal.

A competição é uma luta por posição em uma ordem econômica. A distribuição das populações na economia mundial, a organização industrial na economia nacional, e a vocação do indivíduo na divisão do trabalho, todos estes são determinados, a longo prazo, pela competição. O status do indivíduo ou de um grupo de indivíduos na ordem social, por outro lado, é determinado pela rivalidade, pela guerra ou por formas mais sutis de conflito.

A expressão "*Dois é bom, três é uma multidão*", sugere a facilidade com que o equilíbrio social é perturbado pela entrada de um fator novo em uma situação social. As delicadas nuances e graus de atenção dados a diferentes indivíduos, que se deslocam no mesmo círculo social, são os reflexos superficiais de rivalidades e conflitos sob as superfícies lisas e decorosa da sociedade educada.

Em geral, se pode dizer que a competição determina a posição do indivíduo na comunidade; e o conflito corrige o seu lugar na sociedade. Posição, localização, interdependência ecológica, são as características de uma comunidade. Subordinação de status e superordenação de controle, são as marcas distintivas de uma sociedade.

A noção de conflito, de fato, tem raízes profundas no interesse humano. Marte sempre ocupou um alto posto na hierarquia dos deuses. Sempre e onde quer que a luta tomou a forma de conflito, seja entre raças, entre nações ou entre homens individuais, invariavelmente tem capturado e mantido a atenção dos espectadores.

Esses espectadores, contudo, mesmo quando não tomam parte na luta, sempre tomam partido. Foi o conflito entre os não-combatentes que fizeram a opinião pública; e a opinião pública sempre desempenhou um papel importante nas lutas dos homens. É isso que elevou a guerra, de um mero jogo de forças físicas, ao significado trágico de uma luta moral, em um conflito entre o bem e o mal.

O resultado é que a guerra tende a assumir o caráter de litígio, de um procedimento judicial, onde o costume determina o método do procedimento, e a luta é aceita, no caso, como um julgamento.

O duelo, como distinguindo a aposta da batalha, apesar de nunca ter tido o caráter de um processo judicial, desenvolveu um código estrito que tornou moralmente obrigatório para o indivíduo procurar obter reparação por erros, e determinou antecipadamente os métodos de procedimento pelo qual tal recurso pode e deve ser obtido. A pena redundaria em uma perda de status no grupo especial do qual o indivíduo era membro.

Foi a presença do público, o caráter cerimonial do processo, e a convicção de que poderes invisíveis estavam do lado da verdade e da justiça que deu, ao julgamento por ordálio, e ao julgamento por batalha, um significado que nem o duelo, nem qualquer outra forma de vingança privada obteve.

É interessante notar, neste contexto, também, que as formas políticas e judiciais do processo eram conduzidas dentro de um padrão conflitual. Uma eleição, por exemplo, é um tipo de competição na qual contamos narizes, quando não se pode quebrar cabeças. Um julgamento através de um júri é um concurso onde as partes são representadas por campeões, como nos duelos judiciais de tempos atrás.

No geral, então, se pode dizer que a competição se torna consciente e pessoal em um conflito. No processo de transição, os concorrentes são transformados em rivais e inimigos. Em suas formas mais elevadas, no entanto, o conflito se torna impessoal – é uma luta para estabelecer e manter as regras de justiça e as de uma ordem moral. Neste caso, o bem-estar não apenas dos homens individuais, mas da comunidade, está envolvido. Essas são lutas dos partidos políticos e de seitas religiosas. Aqui, as questões não são determinadas pela força e pelo peso dos competidores imediatamente envolvidos, mas, em um maior ou menor grau, pela força e pelo peso da opinião pública da comunidade e, eventualmente, pelo juízo que se tem da humanidade.

Adaptação e acomodação

O termo *adaptação* entrou em voga com a teoria de Darwin sobre a origem das espécies por seleção natural. Esta teoria foi baseada na observação de que não há dois membros de uma espécie biológica, ou de uma família, que sejam sempre exatamente iguais. Em toda parte há uma variação e individualidade.

A teoria de Darwin assumiu essa variação e explicou as espécies como o resultado da seleção natural. Os indivíduos melhor adaptados para viver sob as condições de vida que o meio ambiente oferecia, sobreviveram e produziram as espécies existentes. Os outros morreram e as espécies que eles representavam desapareceram.

As diferenças entre as espécies foram explicadas como resultado da acumulação e da perpetuação das variações individuais, que tinham "valor de sobrevivência". Adaptações dizem respeito às variações selecionadas e transmitidas.

O termo *acomodação* é um conceito aparentado com um significado

ligeiramente diferente. A diferença é que a adaptação é aplicada a modificações orgânicas que são transmitidas biologicamente; enquanto o termo *acomodação* é usado com referência às mudanças de hábito, que são transmitidos, ou podem ser transmitidos, sociologicamente, isto é, sob a forma de tradição social. O primeiro termo, usado neste sentido, por Baldwin (1905, 15, 8), encontra-se definido no volume I do *Dicionário de Filosofia e Psicologia*.

Em vista da discussão no interior da teoria biológica moderna, dois modos de adaptação devem ser distinguidos: (a) adaptação através da variação [hereditária]; (b) adaptação através da modificação [adquirida]. Para o ajustamento funcional do indivíduo ao seu ambiente [(b) acima] J. Mark Baldwin sugeriu o termo «acomodação», recomendando que a adaptação deveria se limitar aos ajustes estruturais que são congênitos e hereditários [(a) acima]. O termo "acomodação" se aplica a qualquer alteração adquirida da função, resultando em uma melhor adaptação ao ambiente e às mudanças funcionais que foram assim efetuadas.

O termo acomodação, enquanto possui um campo limitado de aplicação na biologia, tem um uso amplo e variado na sociologia. Todas as heranças sociais, tradições, sentimentos, cultura, técnica, são acomodações - isto é, são ajustes adquiridos que são socialmente e não biologicamente transmitidos. Eles não são uma parte da herança racial do indivíduo, mas são adquiridos pela pessoa na experiência social. As duas concepções são distinguidas ainda mais: a adaptação é um efeito da competição, enquanto a acomodação, ou mais propriamente a acomodação social, é resultado do conflito.

O resultado das adaptações e acomodações, que reforça a luta pela

existência, é um estado de relativo equilíbrio entre as espécies concorrentes e os membros individuais dessas espécies. O equilíbrio que é estabelecido por adaptação é biológico, o que significa que, na medida em que ele é permanente e fixado na raça ou na espécie, vai ser transmitido por herança biológica.

O equilíbrio baseado na acomodação, no entanto, não é biológico, é econômico e social e é transmitido, em sua totalidade, pela tradição. A natureza do equilíbrio econômico que resulta da competição foi totalmente descrito no oitavo capítulo deste livro. A comunidade vegetal é esse equilíbrio em sua forma absoluta.

Nas sociedades animal e humanas, a comunidade, por assim dizer, se encontra incorporada em cada um dos membros do grupo. Os indivíduos estão adaptados a um tipo específico de vida comunitária, e essas adaptações nos animais são distintas das sociedades humanas. As adaptações nos animais são representadas na divisão do trabalho entre os sexos, nos instintos que garantem a proteção e o bem-estar dos jovens, no chamado instinto gregário, e todas estas representam traços que são transmitidos biologicamente. Mas, as sociedades humanas, embora provindo das tendências originais, são organizadas sobre a tradição, os costumes, as representações coletivas, ou, em poucas palavras, em *consenso*. E o consenso representa, não adaptações biológicas, mas, acomodações sociais.

A organização social, com a exceção da ordem baseada na competição e na adaptação, é essencialmente uma acomodação das diferenças através de conflitos. Este fato explica o porque a diversidade - a consciência ao invés da semelhança - é característica do espírito humano, o que se distingue da sociedade animal. A

afirmativa do Professor Cooley (1910, p. 4) sobre este ponto é bastante clara:

A unidade da consciência social não consiste em acordo, mas, na organização, no fato da existência de uma influência recíproca ou um nexos causal entre suas partes, em virtude do qual tudo o que acontece nele está conectado com todo o resto e, deste modo, é o resultado do todo.

A distinção entre a acomodação e a adaptação é ilustrada pela diferença entre as noções de domesticar e subjugar [*taming*]. Através da domesticação e melhoramento o homem alterou as características originais herdadas de plantas e animais. Ele mudou o caráter da espécie. Através da subjugação, indivíduos de espécies naturalmente em conflito com o homem tornaram-se acomodados a ele. A eugenia pode ser considerada como um programa de adaptação biológica da raça humana na tomada de consciência dos ideais sociais. A educação, por outro lado, representa um programa de acomodação ou uma organização, modificação e cultura de características originais.

Toda sociedade representa uma organização de elementos mais ou menos antagônicos entre si, mas unidos, por um momento, pelo menos, por um acordo que define as relações recíprocas e as esferas de ação de cada um. Esta acomodação, este *modus vivendi*, pode ser relativamente permanente em uma sociedade constituída por castas, ou transitória o bastante, como nas sociedades constituídas por classes abertas. Em qualquer caso, a acomodação, ao mesmo tempo em que é mantida, assegura para o indivíduo ou para o grupo um status reconhecido.

A acomodação é o principal problema do conflito. Em uma acomodação o antagonismo dos elementos hostis é regulado e o conflito desaparece como ação manifesta, embora permaneça latente, como uma força potencial. Com a modificação da situação, o

ajuste que até então foi realizado com sucesso para o controle das forças antagonistas falha. Há confusão e agitação que podem eclodir em conflito aberto. O conflito, seja uma guerra ou uma greve ou uma mera troca de insinuações educadas, invariavelmente apontam problemas para uma ordem de acomodação ou para um social novo que, em geral, envolve um status que se modificou nas relações entre os participantes. É apenas com a assimilação que este antagonismo, latente na organização de indivíduos ou grupos, pode vir a se tornar totalmente dissolvido.

As concepções populares de assimilação

O conceito de assimilação, na medida em que foi definido no uso popular, ganhou sentido através de sua relação com o problema da imigração. Os termos mais concretos e familiares são o substantivo abstrato americanização e os verbos americanizar, inglesar, germanizar, e assim por diante. Todas estas palavras têm a intenção de descrever o processo pelo qual a cultura de uma comunidade ou de um país é transmitida para um cidadão por elas adotado. De forma negativa, a assimilação é um processo de desnacionalização, e este é, de fato, a forma que assumiu na Europa.

A diferença entre a Europa e a América, em relação ao problema das culturas, é que as dificuldades na Europa parecem ter surgido da incorporação forçada de grupos culturais minoritários, isto é, de nacionalidades, dentro dos limites de uma unidade de dimensões políticas maiores, isto é, um império. Nos Estados Unidos, o problema surgiu a partir da migração voluntária para este país dos povos que abandonaram as lealdades políticas do país de origem, e estão, gradualmente, adquirindo a cultura do novo. Em ambos os casos, o problema tem suas

fontes em um esforço para estabelecer e manter uma ordem política em uma comunidade que não tem uma cultura comum. Fundamentalmente, o problema de manter uma forma democrática de governo em uma vila do sul, composta por brancos e negros, ou o problema da manutenção de uma ordem internacional, baseada em qualquer coisa, é a mesma, e possui a mesma força.

O fundamento último da ordem moral e política existente é ainda o parentesco e a cultura. Quando nem isso existe, uma ordem política é pelo menos problemática.

A assimilação, como é popularmente concebida nos Estados Unidos, foi expressa simbolicamente, há alguns anos, na parábola dramática de Zangwill, *The Melting Pot*. William Jennings Bryan deu expressão oratória para a fé no resultado benéfico do processo: "*Grandes têm sido o grego, o latim, o eslavo, o celta, o teuta e o saxão, mas, maior do que qualquer deles é o americano, que combina as virtudes de todos eles*".

A assimilação, assim concebida, é um processo natural e sem ajuda e, a prática, se não política, tem sido de acordo com a concepção de *laissez-faire*, em que o resultado é aparentemente justificado. Nos Estados Unidos, de qualquer modo, o ritmo de assimilação tem sido mais rápido que em outros lugares.

Muito próxima a essa noção de "cadinho mágico" ["magic crucible"] de assimilações se encontra a teoria da "similaridade-consciência". Esta idéia é um produto parcial da teoria do Professor Giddings, onde esse processo, em parte, acontece como o resultado da noção popular de que as semelhanças e a homogeneidade são idênticas à unidade. O ideal de assimilação foi concebido para ser o de sentir, pensar e agir da mesma forma. Os conceitos de assimilação e de socialização, ambos,

têm sido descritos nestes termos por sociólogos contemporâneos.

Uma outra e diferente noção de assimilação ou americanização é baseada na convicção de que o imigrante contribuiu no passado e pode ser esperado, no futuro, para contribuir com algo de seu próprio temperamento, cultura e filosofia de vida para a futura civilização americana. Esta concepção teve sua origem entre os próprios imigrantes e foi formulada e interpretada por pessoas, moradores de assentamentos sociais, em estreito contacto com eles. Este reconhecimento da diversidade nos elementos que entram no processo de cultura não é, evidentemente, inconsistente com a expectativa de uma homogeneidade final do produto. Tem chamado a atenção, de qualquer modo, para o fato de o processo de assimilação se preocupar com diferenças tão grandes como com as semelhanças.

136

A sociologia da assimilação

A acomodação tem sido descrita como um processo de ajustamento, isto é, uma organização de relações sociais e de atitudes para prevenir ou reduzir o conflito, para controlar a competição, e para manter uma base de segurança na ordem social para as pessoas e grupos de interesses, tanto quanto para tipos divergentes, como forma de conjuntamente darem seguimento as suas variadas atividades de vida. A acomodação, no sentido da composição do conflito é, invariavelmente, o objetivo do processo político.

A assimilação é um processo de interpenetração e fusão no qual pessoas e grupos adquirem as memórias, os sentimentos e as atitudes de outras pessoas ou grupos, e, compartilhando sua experiência e história, são incorporados em uma vida cultural comum. Na medida em que a assimilação denota esta partilha de tradição, esta íntima participação em experiências comuns, a

assimilação é central para os processos históricos e culturais.

Esta distinção entre a acomodação e a assimilação, com referência ao seu papel na sociedade, explica certas significativas diferenças formais entre os dois processos. Uma acomodação de um conflito, ou uma acomodação a uma nova situação, pode ter lugar com rapidez.

As mudanças mais íntimas e sutis envolvidas na assimilação são mais graduais. As mudanças que ocorrem na acomodação são frequentemente não só o repentino mas, também, o revolucionário, como a mutação de atitudes em conversão.

As modificações de atitudes no processo de assimilação não são apenas graduais, mas, também, moderada, mesmo que apareçam de forma considerável na sua acumulação ao longo de um período de tempo longo. A mutação, se é o símbolo para a acomodação, o crescimento, é a metáfora para a assimilação.

Na acomodação, a pessoa ou o grupo são, em geral, embora nem sempre, altamente conscientes da ocasião, como no tratado de paz que põe fim à guerra, na arbitragem de uma controvérsia industrial, no ajustamento da pessoa com os requisitos formais da vida em um novo mundo social. Na assimilação, o processo é geralmente inconsciente, a pessoa é incorporada à vida comum do grupo, antes que ele esteja consciente e com pouca concepção do curso de eventos que trouxeram esta incorporação sobre ela.

James descreveu a maneira em que a atitude de uma pessoa muda em relação a certos assuntos, - como o sufrágio da mulher, por exemplo. Ele descobriu que isso acontece não como o resultado de reflexão consciente, mas como o resultado de respostas irrefletidas sobre uma série de novas experiências.

As associações íntimas da família e do grupo de jogo, a participação nas cerimônias de culto religioso e nas comemorações de feriados nacionais, todas estas atividades transmitem ao imigrante, e a um alienígena, as memórias e os sentimentos comuns dos nativos, e essas lembranças são a base de tudo o que é peculiar e sagrado em nossa vida cultural.

Da mesma forma que o contato social inicia a interação, a assimilação é o seu produto final perfeito. A natureza dos contatos sociais é decisivo no processo. A assimilação naturalmente ocorre mais rapidamente onde os contatos são primários, ou seja, onde eles são mais íntimos e intensos, como na área de relacionamento, no toque, no círculo familiar e em grupos íntimos agradáveis. Contatos secundários facilitam a acomodação, mas não promovem muito a assimilação. Os contatos aqui são externos e remotos.

Uma língua comum é indispensável para a associação mais íntima dos membros do grupo, a sua ausência é uma barreira intransponível para a assimilação. O fenômeno "*que cada grupo tem sua própria linguagem*," seu "*universo de discurso*" peculiar, e seus símbolos culturais, é uma evidência da interrelação entre os processos de comunicação e de assimilação.

Através dos mecanismos de imitação e de sugestão, a comunicação efetua uma modificação gradual e inconsciente das atitudes e dos sentimentos dos membros do grupo. A unidade alcançada deste modo não é, necessariamente, consciente, mas é, sim, uma unidade da experiência e da orientação, da qual se pode desenvolver uma comunidade de propósito e de ação.

Referências

BALDWIN, James M. Dictionary of Philosophy and Psychology, vol. I, New York: The Macmillan Company, 1905.

COOLEY, Charles H. *Social Organization: a study of the larger mind*. New York: Charles Scribner's Sons, 1910.

WALKER, Francis A. *Political Economy*. 3^a ed., New York: Henry Holt and Company, 1888.

Abstract: This article discusses the concept of interaction from the perspective of the four major pure forms that this process manifests itself in human social relations: competition, conflict, accommodation and assimilation. Park and Burgess, in this sense, conceptually bother to differentiate the notion of interaction of the idea of social contact, categorically stating that there may be interaction without social contact. Also important to the authors was to relate each of these forms of social process to an ideal principle of social order, in order to relate the forms of action with their respective systemic and functionally established social spaces and times. **Keywords:** competition, conflict, accommodation, assimilation
